

FERNANDA VIEIRA BOREL

**JANELAS FECHADAS: UM RELATO DA CEGUEIRA
NO BRASIL**

VIÇOSA – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2014

FERNANDA VIEIRA BOREL

JANELAS FECHADAS: UM RELATO DA CEGUEIRA NO BRASIL

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier

VIÇOSA – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Janelas Fechadas – Um Retrato da Cegueira*, de autoria da estudante Fernanda Vieira Borel, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier – Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profª. Ma. Laene Mucci Daniel
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profª. Ma. Mariana Lopes Bretas
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Viçosa, 1 de dezembro de 2014

“Os olhos são as janelas da alma”

Autor Desconhecido

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, que me ajudou desde o primeiro período na universidade, me oferecendo conforto e paz nos momentos de estresse e ansiedade.

Também não posso deixar de agradecer minha orientadora, Mariana, que se dispôs a levar essa ideia para frente e me ajudou a concluir esse trabalho tão especial, sendo paciente e tolerante com minhas limitações.

Agradeço ao meu personagem principal, Geraldo Fumaça, que se dispôs a me mostrar um pouco do seu dia e de suas dificuldades e ao Dr. Euldes, que achou um espaço no seu dia corrido para me ajudar nesse trabalho.

Agradeço aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, me dando apoio, especialmente durante a realização deste projeto, em que me deram uma dose a mais de forças para continuar.

Agradeço aos meus irmãos, Marcelo e Daniel, e minhas cunhadas irmãs, Deise e Gabriela, que me deram amor e carinho sempre e que me ajudaram nos momentos mais difíceis, seja com uma palavra amiga ou com distrações.

Agradeço aos amigos do curso que me acompanharam durante os cinco anos da minha graduação e me ajudaram nos trabalhos de grupo e no dia a dia da vida universitária.

Agradeço aos amigos que fiz ao longo do tempo em que passei aqui, que sempre me deram apoio e se mostraram interessados no que eu tinha a dizer, especialmente nesse trabalho de conclusão.

Agradeço aos meus professores, que me ensinaram muito do que sei hoje e me tornaram uma profissional qualificada e aos funcionários do departamento, que sempre me receberam com sorrisos e boa vontade.

Finalmente, agradeço todos os que se fizeram presentes na minha vida e ajudaram para que esse trabalho se tornasse real.

RESUMO

Este trabalho é uma reportagem em quadrinhos sobre o dia de um cego, visando retratar suas dificuldades, problematizar a questão da acessibilidade e conscientizar sobre a capacidade deste. Para isso, buscamos embasar teoricamente este trabalho, pesquisando sobre o jornalismo em quadrinhos e a criação deste gênero, a representação midiática do deficiente visual e dados técnicos sobre a cegueira. Neste memorial descreve-se a elaboração da reportagem em quadrinhos desde seu processo de apuração jornalística, com pesquisas, entrevistas e coleta de dados, até os desenhos e diagramação da HQ, explicando a escolha dos traços e da escala de cinza.

PALAVRAS-CHAVE

Quadrinhos; Reportagem; Cegueira.

ABSTRACT

This work is a story, in the comic book format, about the day of a blind man, seeking to portray their difficulties, discuss the issue of accessibility and to generate awareness of the ability of the blind. For this, we seek to explain theoretically this work, researching journalism, comics and the creation of this genre, the media representation of visual impaired and technical data on blindness. This memorial describes the development of the story since its journalistic verification process, with surveys, interviews and data collection, to the designs and layout of the comic book, explaining the choice of traits and the grayscale.

KEY-WORDS

Comic book; Journalism; Blindness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – QUADRO A QUADRO: O JORNALISMO EM HQ	9
1.1 Considerações iniciais	9
1.2 HQ não é mais só para criança – um breve histórico.....	10
1.3 O jornalismo em quadrinhos tem classificação?	14
1.4 Porque e como representar o real nos quadrinhos	16
CAPÍTULO 2 – UM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: DADOS E INFORMAÇÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA VISUAL	20
2.1 Considerações Iniciais.....	20
2.2 Uma breve contextualização: cegueira e acessibilidade no Brasil.....	22
2.3 O cego e a cegueira na mídia	25
3 RELATÓRIO TÉCNICO	27
3.1 Apuração jornalística	27
3.2 Desenvolvimento dos quadrinhos	28
3.2 Memorial e orientação	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

No trabalho desenvolvido pretendeu-se realizar a elaboração de um projeto experimental, mais especificamente, uma reportagem em quadrinhos, como requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV. A ideia inicial era passar um dia inteiro com um cego, conversando com ele e fotografando suas atividades cotidianas, de forma que conheçamos mais sobre o seu dia a dia. Assim, com base nos dados que recolhemos, decidimos fazer uma reportagem que mostrasse, gráfica e textualmente, as dificuldades de um deficiente visual durante seu dia no Brasil.

Além disso, ainda foi feita uma apuração com órgãos e organizações oficiais, buscando informações como número de cegos no Brasil, como e se o país tem buscado se adequar à situação dos deficientes, garantindo a ele um cotidiano normal e independente, como o de qualquer pessoa, para que pudéssemos entender mais sobre o tema e assim contar a história de Geraldo da melhor forma possível.

Foram utilizadas pesquisas e estudos feitos sobre as reportagens em quadrinhos como base para entendermos como as HQ's podem mudar o jornalismo tradicional e também para construirmos nossa própria reportagem em quadrinhos. Assim, tivemos a oportunidade de conhecer mais sobre esse gênero, suas características e, principalmente, como ele deve ser feito para que nem a parte jornalística, nem a parte gráfica fossem prejudicadas durante a realização da reportagem em quadrinhos.

Apesar de parecer estranho sob um primeiro olhar, já que mescla a objetividade da informação jornalística – muitas vezes engessada e com um formato pré-definido – com a subjetividade que os autores normalmente utilizam nas histórias em quadrinhos, esse modelo funciona muito bem para o que propôs-se fazer. Para isso basta ler algumas das reportagens feitas por Joe Sacco, o idealizador desse modelo e Augusto Paim, jornalista brasileiro que também se aventurou nos quadrinhos na hora de escrever suas matérias, e tantos outros. A partir deles, o jornalismo em quadrinhos vem ganhando cada vez mais espaço e conquistando mais interesse, chegando até mesmo a ser chamado de gênero ou subgênero dos quadrinhos.

Como articula duas linguagens distintas, jornalismo e quadrinhos, acreditamos que esse projeto tem a capacidade de gerar interesse em um grupo amplo de pessoas, não só como forma de informação, mas também como base para a produção de reportagens em quadrinhos próprias. Assim, outros interessados em arte terão a oportunidade de conhecer mais sobre a

inserção do jornalismo dentro dessa área, ao passo que jornalistas poderão se beneficiar de outro modelo para a veiculação de suas matérias e reportagens.

Trabalhar com a cegueira como tema dessa história foi uma forma de utilizar o jornalismo e a arte para a conscientização da população. No Brasil, existem mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo mais de 580 mil totalmente cegas. Em um país com pouca acessibilidade para deficientes físicos, como é ser cego? Quais as dificuldades e quantas pessoas passam por elas diariamente? Por meio da reportagem em quadrinhos, buscou-se que mais pessoas conhecessem mais sobre a situação da cegueira no país.

CAPÍTULO 1 – QUADRO A QUADRO: O JORNALISMO EM HQ

1.1 Considerações iniciais

Não há como se negar que os quadrinhos têm se aproximado cada vez mais do jornalismo e ajudado a construir narrativas reais, interessantes e tão informativas como uma reportagem comum. *Maus*, de Art Spiegelman, *Palestina*, de Joe Sacco, *Different Person*, *Different Life*, de Dan Archer, *Inside the Favelas*, de Augusto Paim, e *Vanguarda: histórias do movimento estudantil da Bahia*, de Leandro Silveira, Caio Coutinho e Fábio Franco, são apenas alguns dos exemplos que mostram como esse tipo de narrativa não só está cada vez mais próximo dos quadrinhos, como é capaz de produzir reportagens de conteúdo profundo e extenso, utilizando o desenho para se aproximar do leitor.

Mas as histórias em quadrinhos, também conhecidas como HQ's, já foram muito hostilizadas e demoraram um pouco para perder a identidade infantilizada ou *nerd* que lhes foi dada durante sua história. Pouco a pouco as HQ's se infiltraram novamente no espaço literário e mostraram-se eficazes até mesmo ao serem utilizadas para comportar outros gêneros literários. Se não tivessem sido criticados por suas histórias e tramas, talvez os quadrinhos ainda estivessem presos ao seu modelo antigo.

Maus, de Art Spiegelman, é uma história autobiográfica totalmente documental sobre sua família. Mesmo sendo ganhadora de um Prêmio Pulitzer especial, a obra ainda foi errônea e apressadamente classificada como ficção pelo *New York Times BestsellerList*, mostrando a real dificuldade que a maioria das pessoas tem de visualizar os quadrinhos como um suporte para obras não-ficcionais, ou mais ainda, obras jornalísticas. (DUTRA, 2003, p 2).

Essa dificuldade de adaptação não é necessariamente culpa da estranheza que a inserção do jornalismo nesse formato pode causar essa necessidade de mudança e adaptação dos quadrinhos ao longo de sua linha do tempo foi o que permitiu que o jornalismo eventualmente se aproximasse do formato. Para entender como o jornalismo em quadrinhos teve – e ainda tem – uma difícil jornada para se mostrar uma combinação de cunho sério e profissional, é preciso conhecer um pouco do histórico dos quadrinhos e como suas barreiras

de infantilização foram construídas, e como pouco a pouco são derrubadas, além de entender como e porque os quadrinhos podem se tornar um novo gênero jornalístico.

1.2 HQ não é mais só para criança – um breve histórico

Um dos grandes obstáculos dos quadrinhos foi antes dos anos 60. *Sedução dos Inocentes*, escrito por Fredric Wertham em 1954, teve um grande impacto sobre o gênero dos quadrinhos. O psicanalista alemão publicou, em seu livro, que casos de violência da época estavam ligados aos quadrinhos, que traziam histórias muito violentas e por isso era uma leitura ruim para os jovens. O livro gerou vários processos levado, em sua maioria, por pais ao Congresso Americano, que acabou por criar o *Comic Codes Authority*, uma espécie de código de ética dos quadrinhos que servia como uma forma de autocensura dos produtores de HQ's, em resposta à recomendação do Congresso de se construir quadrinhos com conteúdo mais moralista. Foi nessa época que as HQ's passaram a ser mais infantilizadas, e grande parte das tramas começaram a tratar de personagens da Disney, super-heróis combatendo o mal e histórias infanto-juvenis.

Em 1970, e ao longo dos anos 80, no entanto, com o começo da cultura *contracorrente* e *underground*, HQ's que traziam tramas mais reais e personagens que não mais representavam “o bem contra o mal” voltaram à ativa. Nesse novo modelo, os problemas sociais, apologia às drogas e violência eram características presentes, ao mesmo tempo em que os quadrinhos se viam incapazes de se desvincular totalmente da imagem infantilizada que os anos 50 haviam criado. O *underground* comix marcou essa época, trazendo à tona nomes como Jack Jackson, um dos percursores das publicações do tipo, Rick Griffin, George Metzger, Robert Crumb, Spain Rodriguez e Victor Moscoso.

Os quadrinhos *underground* desempenharam, então, um duplo papel: de um lado, permitiram ampliar o leque de ferramentas a serviço dos processos revolucionários; de outro, operaram uma inversão maliciosa de valores ao trazer histórias sujas, cruéis e realistas para uma linguagem onde antes reinavam alegres bichinhos falantes e exemplares e corajosos heróis. (DUTRA, 2003, p 3).

Assim, percebeu-se que os quadrinhos poderiam ser utilizados para tratar não sobre uma versão da realidade, mas sobre o que era verdadeiramente real. Por que não publicar os dramas com as drogas e preconceitos de um personagem existente, ao invés de tratá-los

como se fossem de um super-herói ou vilão? A ideia de contar não mais o ficcional atraiu autores que queriam diferenciar sua história de todas as outras. As HQ's permitiam histórias expressivas e ricas em humor, drama e ação que as tramas de super-heróis exigiam, mas também permitiam uma intimidade do autor com a história e o leitor que era ideal para escrever a própria história. Participantes de importância para esse movimento underground das HQ's foram Robert Crumb, com personagens como *Angelfood McSpade* (anos 60 e 70) que exibiam traços e narrativas eróticas e sem pudor, e *Trashman*(1968 a 1985), de Spain Rodriguez, que conta a história de um herói do proletariado em uma distopia futura com guerras nucleares e desastres, além de outros.



Figura 1: *Angelfood McSpade* de Robert Crumb

Fonte: Underground Comix Arte¹



Figura 2: *Trashman* de Spain Rodriguez

Fonte: The Comics Reporter

Ao passo que as revistas em quadrinhos não eram mais feitas apenas a partir de histórias fictícias, surgiu nos autores o interesse em publicar histórias não autobiográficas, mas que relatassem um fato ou a vida de outra pessoa. Joe Sacco decidiu que queria transformar um relato normalmente jornalístico em um relato também artístico e em 1991 partiu para o Oriente Médio para retratar a história da guerra e publicou *Palestina – Uma Nação Ocupada*.

¹Disponível em: http://undergroundcomixart.com/drawings/main.php?g2_itemId=3491; Acesso em out. 2014.

²Disponível em: http://www.comicsreporter.com/index.php/resources/out_and_about/41422/; Acesso em out. 2014.

No Brasil, alguns HQ repórteres, como se autodenominam (nota de rodapé: essa informação foi fornecida durante uma entrevista por Augusto Paim a esta autora), também surgiram. Além de Augusto Paim, que produziu reportagens em quadrinhos como *Inside the Favelas*, além de ser um dos organizadores do I Encontro Internacional de Jornalismo em Quadrinhos, Wilhelm Rodrigues e Alexandre de Maio⁴, autores dos quadrinhos sobre o acervo do Jornal do Brasil, e André Carvalho⁵, antes da reportagem sobre o centenário de Nelson Cavaquinho começam a despontar na área. Ambas as matérias estão vinculados ao movimento Catraca Livre, que acredita na inserção do jornalismo dentro das HQ's.



Figura 4: *Inside the Favelas* de Augusto Paim

Fonte: Site pessoal de Augusto Paim⁶

Além deles, em 2007, um grupo de graduandos da Bahia também realizou a primeira grande reportagem em formato de quadrinhos no Brasil. Para seu trabalho de conclusão de curso, Leandro Silveira, Caio Coutinho e Fábio Franco construíram a *Vanguarda: Histórias do Movimento Estudantil na Bahia*. A reportagem consta com uma equipe, com uma professora orientadora, desenhistas e um designer gráfico, e foi publicada em quatro partes no jornal A Tarde. Hoje, a equipe divulga através de palestras mais informações sobre a inserção do jornalismo dentro dos quadrinhos.

⁴ Disponível em: <http://wilheimrod.wordpress.com/reportagem/>; Acesso em Ago. 2014.

⁵ Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/quadrinhos/indicacao/reportagem-em-quadrinhos-centenario-nelson-cavaquinho/>; Acesso em Ago. 2014.

⁶ Disponível em: <http://www.augustopaim.com.br/>; Acesso em Ago. 2014.

A configuração deste gênero está muito ligada à necessidade do jornalismo de procurar outros meios fora do tradicional para publicar suas informações. Foi assim com o rádio, a televisão e a internet, e não seria diferente com os quadrinhos, embora por caminhos diferenciados. Isso ocorre porque as HQ's, pelo seu formato, conseguem comportar o jornalismo impresso tradicional, adaptando-o levemente ao seu gênero textual e sua expressão artística.

A transposição de um gênero jornalístico para um novo formato é por si mesmo um evento sintomático no que se refere ao funcionamento da mídia na atualidade. A superficialidade da cobertura jornalística feita na TV, imprensa e internet impulsionam a emergência de formatos menos vinculados às novas tecnologias, que preconizam uma cobertura apurada e que privilegie temáticas que se encontram fora da agenda midiática, como ocorre, por exemplo, com os livros-reportagem. O estudo da reportagem em quadrinhos é estratégico quando se tenta decifrar o funcionamento dos meios jornalísticos e da prática profissional, de modo que somos levados a problematizar como esse produto é aceito socialmente e como atende a demandas do público (SOUZA JÚNIOR, 2010, p 23).

Assim, o jornalismo em quadrinhos traz a possibilidade de desenvolver uma reportagem mais profunda, e até mesmo humanizada, que as mídias atuais não conseguem produzir por conta do imediatismo e do curto espaço de tempo ou impresso para a veiculação de matérias mais longas.

1.3 O jornalismo em quadrinhos tem classificação?

Utilizando as ideias e estudos dos pesquisadores e estudiosos do jornalismo em quadrinhos, quando se pensa em novas formas de se fazer jornalismo, inicialmente se cria uma ligação com o jornalismo Gonzo ou com o *New Journalism* de Tom Wolfe. No caso dos quadrinhos, isso não pode ser totalmente negado, nem transformado em uma verdade absoluta. O grande problema nas análises do jornalismo em quadrinhos ou mais ainda, da reportagem em quadrinhos, é a dificuldade de se estabelecer qual é o papel das conhecidas HQ's junto ao jornalismo. Isso porque elas podem ser vistas como uma simples plataforma que pode hospedar o jornalismo ou um novo gênero midiático que carrega consigo a necessidade de uma adaptação do jornalismo e dos próprios quadrinhos.

Entender qual o verdadeiro papel da HQ nessa transposição do jornalismo impresso para os quadrinhos é de derradeira importância para se criar um jornalismo em quadrinhos que representa ambas as mídias corretamente. Souza Júnior acredita que os quadrinhos não

devem ser estudados como parte do *New Journalism* ou do jornalismo Gonzo porque possuem uma semioticidade que os afasta da linguagem jornalística.

Outra tendência encontrada nos artigos acadêmicos é a tentativa de traçar paralelos entre a reportagem em quadrinhos e o *new journalism*, ou ainda com o jornalismo Gonzo. Tais aferições emergem devido à falta de conhecimento acerca da narrativa dos quadrinhos já que, conforme Moacy Cirne (2000), a linguagem dos quadrinhos possui uma semioticidade própria que a aproxima mais da narrativa cinematográfica que da literatura ou da tradição das artes gráficas. Assim, a estrutura formal da reportagem em quadrinhos remete mais a documentários audiovisuais (a condução das entrevistas com a presença marcante e incisiva do repórter remete ao estilo de documentário desenvolvido por Eduardo Coutinho) do que ao *new journalism*. (SOUZA JUNIOR, 2009, p 4).

É difícil discordar totalmente das ideias de Souza Júnior quanto às análises atuais. De certa forma, a classificação imediata do jornalismo em quadrinhos como *New Journalism* indica uma análise um pouco rasa pela falta de importância dada à estrutura estética dos quadrinhos. Com uma narrativa própria que muitas vezes se desprende da necessidade de um elemento textual para contar a história, a estrutura dos quadrinhos é muitas vezes deixada de lado para ser analisado apenas seu conteúdo e não como este se adapta e se mescla a estrutura.

Outra crítica que pode ser direcionada ao trabalho de Souza Júnior (2011) diz respeito ao seu questionamento da ignorância dos estudiosos quanto a estética das HQ's para a classificação desse gênero, mas faz a mesma coisa pretendendo ignorar o conteúdo jornalístico presente na reportagem e todo o processo metodológico pelo qual se passou até finalizá-lo. Ele até considera a proximidade com a classificação de Wolfe (1973), mas sem se preocupar com a importância do conteúdo na estruturação dos quadrinhos, como se esses independentessem um do outro.

Por outro lado, seu conteúdo latente aproxima-se muito da premissa da investigação apurada do movimento encabeçado por Tom Wolfe e Truman Capote, possuindo ainda uma irreverência que flerta com o jornalismo Gonzo de Hunter Thompson (SOUZA JÚNIOR, 2009, p 4).

O ideal é que a análise e classificação seja feita sobre a reportagem em quadrinhos como um produto total, desde o pensamento inicial até que esteja completo. Assim, passando pelo processo de coleta de dados, apuração profunda, entrevistas, a necessidade da humanização do relato, parte importante do *New Journalism* e até mesmo a criação da imagem, que não é real, mas um próprio relato literário visual, é possível enxergar o

jornalismo em quadrinhos como um novo gênero jornalístico cuja estrutura é tão afetada quanto afeta o conteúdo a ser inserido.

Como afirma Iuri Gomes (2009, p.2), o jornalismo em quadrinhos “não é uma mera adaptação, é bom frisar, mas sim um hibridismo comunicacional que converge diferentes linguagens a favor da informação”. Um exemplo são as próprias reportagens de Joe Sacco, em que nota-se um amadurecimento tanto da estrutura quanto de seu conteúdo e uma conexão entre ambos cada vez maior conforme se tornam mais recentes suas obras. Isso porque ele não força uma adaptação de nenhum dos dois formatos, mas insere o jornalismo pouco a pouco, mantendo as melhores características de ambos para alcançar uma melhor produção jornalística.

A estrutura quadro-a-quadro também varia bastante de acordo com a mensagem a ser transmitida. Em *Palestina – uma nação ocupada*, por exemplo, ao narrar a prisão de um palestino, Sacco vai diminuindo o tamanho de seus quadrinhos no intuito de transmitir ao leitor a sensação de claustrofobia do personagem que se encontra presa com um saco na cabeça. Quando o autor narra uma sequência sobre protesto de rua que acaba em conflito, os quadros são jogados de maneira desordenada para dar a sensação de bagunça e confusão (NEGRI, 2003, p. 9-10).

A relação do jornalismo com as HQ's, no entanto, é muito maior do que apenas estética. Como o livro-reportagem, os quadrinhos têm a capacidade de aproximar o leitor do objeto de estudo, modificando a ideia do jornalismo objetivo e factual que ainda é muito visto nos jornais. É também por isso que o jornalismo em quadrinhos aproxima-se tanto do livro-reportagem. Em uma época de matérias sucintas e rápidas nos jornais, é em um formato mais extenso e adaptável do jornalismo que a reportagem em quadrinhos pode se encontrar.

Preservando a estrutura e a linguagem da reportagem, assim como mantendo o processo de apuração feito em qualquer gênero jornalístico, as reportagens em quadrinhos se mostram cada vez mais capazes de se tornar mais um veículo midiático. A sua grande diferença, que é o que faz com que esse formato seja tão interessante, está no hibridismo que ele pode apresentar. Sem perder as características jornalísticas, as HQ's unem a informação à arte, e unem o ficcional ao real, de forma que o jornalismo interpretativo se faça sempre presente nesse formato.

1.4 Porque e como representar o real nos quadrinhos

Com o avanço das tecnologias o jornalismo teve de se adaptar consideravelmente. A necessidade da notícia em um segundo, vinda com o advento e a propagação da internet, exige dos jornalistas o preparo de uma reportagem em tempo recorde, impossibilitando-os, às vezes, de fazer a melhor apuração que poderiam. Além disso, a estrutura da notícia que antes variava entre textual e audiovisual – TV e rádio – agora precisa ser acrescida de novas ferramentas para captar a atenção leitor.

A quantidade e a variedade dos dados obtidos com a transformação das técnicas, por exemplo, levou o jornalismo mudar a forma de apresentação do texto noticioso, com o objetivo de transmitir o máximo de informação com um mínimo de custo e de esforço de consumo por parte do leitor. A pressão das novas tecnologias informativas obriga o jornalismo a transformar os seus textos, inclusive a notícia, que passa a comportar diagramas, recapitulações, quadros, imagens e infográficos [...] A partir dessas transformações que o jornalismo sofreu não implicaram apenas na apresentação do seu texto noticioso, mas começaram a aparecer novos gêneros, ou seja, novas formas que o jornalista busca para se expressar, definidos no estilo, na língua, na utilização de novos recursos que ajudam no relato da informação. Essas novas formas de expressão jornalística se definem pelo estilo e assumem expressão própria pela obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora. (MEDEIROS; GOMES, 2012, p 3).

É dentro desse contexto que nasce o jornalismo em quadrinhos. Uma maneira nova de se fazer jornalismo de forma artística e de infotenimento⁷, buscando entreter o leitor enquanto o informa. A reportagem em quadrinhos propicia essa interação entre a imagem e a narrativa, apresentando um gênero realista, crível e verossimilhante.

Esse realismo é importante não só no jornalismo em quadrinhos, mas em todo o *new journalism*, pois se mostra característica essencial para a empatia e aproximação com o leitor. Utilizar a arte gráfica é uma estratégia quando se trata do jornalismo em quadrinhos, porque cria um vínculo com a realidade visual que o jornalismo transmite ao receptor. Inclusive, Scott McCloud (2005) afirma que os quadrinhos e cartuns têm a capacidade de causar essa tão desejada identificação com o leitor e por isso essa têm penetrado facilmente na cultura.

Todo criador sabe que um indicador infalível de envolvimento de público é o grau de identificação com os personagens da história. E, já que a identificação do espectador é uma das especialidades dos cartum, este tem penetrado com facilidade na cultura popular do mundo (McCLOUD, 2005, p 42).

⁷ O jornalismo de INFOtenimento é o espaço destinado às matérias que visam informar e entreter (DEJAVITE, 2007, p. 2)

A afirmação de McCloud, inicialmente, pode nos deixar confusos. Quando se pensa em quadrinhos, nós pensamos inicialmente em dois tipos: o famoso gibi de nossa infância, com personagens caricatos e estereotipados, e até animais falantes, e os grandes *graphic novels* recheados de super-heróis e vilões. Mas apesar de essas serem as tendências das grandes indústrias dos quadrinhos, ainda existe uma fração que investe para descobrir o potencial midiático e realista dos quadrinhos. Sacco e Spiegelman, que já foram citados aqui, são apenas alguns que exploram e alcançam com sucesso a representação do real nos quadrinhos, mesmo quando seus personagens são desenhados como animais.

Isso ocorre porque diferente do que se pensa, não é o desenho gráfico que aproxima a história da realidade. Os super-heróis, por exemplo, sempre tiveram traços muito reais para o modelo dos quadrinhos, mas sempre foram reconhecidos como obras completamente ficcionais. O que faz com que um determinado quadrinho seja reconhecido como uma história não-ficcional é um equilíbrio de realismo e representação entre a narrativa e a imagem.

No exemplo abaixo, retirado da reportagem em quadrinhos *Maus* de Art Spiegelman, é possível notar esse equilíbrio. Mesmo com os personagens principais sendo desenhados como ratos, pelos sentimentos e emoções retratados na narrativa, é possível identificar que essa não é uma história ficcional, mas que apresenta fatos reais.



Figura 5: *Maus* de Art Spiegelman

Fonte: Literatura e Autoritarismo – Repositório digital da UFSM⁸

Souza Júnior (2011) ainda fala que o caráter não-realístico de uma imagem pode ser compensado por uma inserção do real na narrativa. Por exemplo, uma narrativa do cotidiano e até mesmo banal aproxima o leitor da história, mesmo que os personagens não tenham sido desenhados com um traço mais realista. Isso retorna à ideia já discutida de que o jornalismo em quadrinhos se tornou um gênero e não é apenas um formato novo. Imagem e narrativa trabalham juntas se modificando e se adaptando a outra para trazer à tona o realismo necessário no jornalismo.

⁸ Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num14/art_04.php; Acesso em ago. 2014

A partir dessa informação, torna-se mais fácil entender como se cria uma reportagem em quadrinhos sem perder a identificação do leitor. Para isso, conhecer a temática e desenvolver uma narrativa real se torna fundamental. No próximo capítulo, será estudada a representação do deficiente visual dentro do jornalismo e da literatura para alcançarmos esse objetivo durante a produção da HQ. Discutiremos o tema da reportagem em quadrinhos a ser desenvolvida, a vida de um cego. Traremos informações a respeito dos tipos de cegueira e dados contextuais sobre a situação dos cegos no Brasil. Ainda, faremos algumas pontuações sobre como os deficientes visuais são tratados pela mídia.

CAPÍTULO 2 – UM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: DADOS E INFORMAÇÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA VISUAL

2.1 Considerações Iniciais

Para se construir um retrato da cegueira no Brasil é necessário primeiro conhecer mais sobre essa deficiência visual que, de acordo com dados da OMS⁹ – Organização Mundial da Saúde¹ – de 2013, atinge em torno de 285 milhões de pessoas, sendo 39 milhões desses completamente cegos.

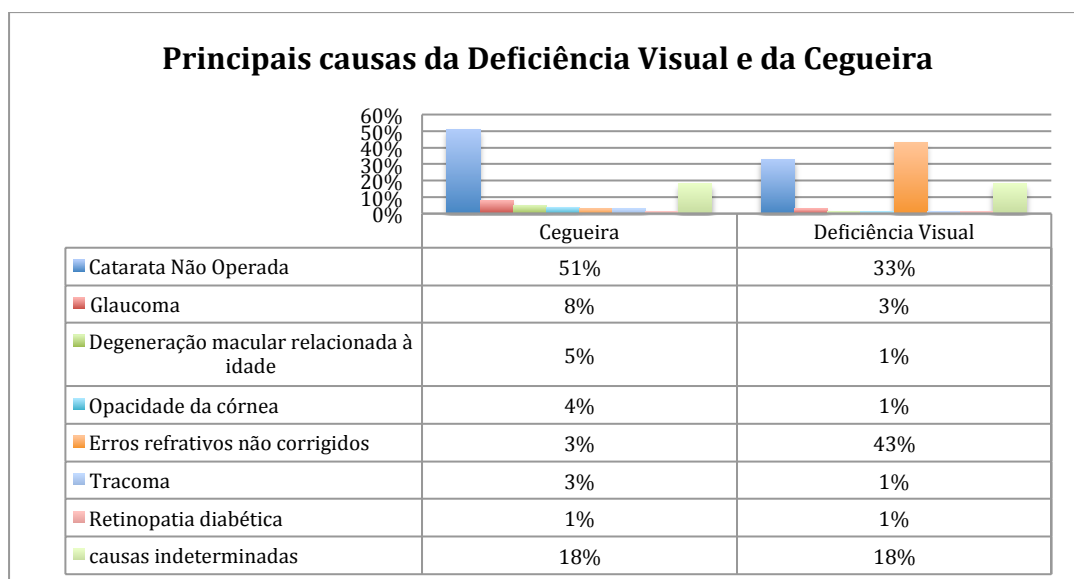
O termo deficiência visual engloba toda e qualquer dificuldade ou degeneração da visão, incluindo a cegueira, que é a falta de percepção visual em um indivíduo, podendo ser causada por fatores fisiológicos ou neurológicos. Hilton Rocha (1987) afirma que a cegueira pode ser dividida em dois grupos: a cegueira parcial e a cegueira total e que ambas precisam ser esclarecidas e estudadas. Rocha (*opt. cit.*) ainda afirma que a cegueira parcial é aquela em que se percebe vultos e consegue se enxergar objetos a uma distância mínima, além de também ser possível identificar e perceber a luminosidade. A cegueira total é a ausência completa de qualquer visão, sendo que até mesmo a percepção luminosa se torna nula.

Essa diferenciação se mostra de extrema importância para o estudo realizado porque a capacidade visual do personagem altera a forma como este é representado. Isto é, a adaptação de um indivíduo com cegueira parcial difere de alguém que é afetado pela cegueira total. Sua noção do mundo é diferente e, portanto, a forma de contar sua história não será igual. Algo que será depois evidenciado durante a produção do relatório técnico deste trabalho.

Até mesmo na identificação de causas dessa deficiência, mostra-se necessário a divisão da cegueira parcial e da cegueira total. Embora ambas apresentem as mesmas causas principais – erros refrativos não corrigidos, catarata, glaucoma, tracoma, entre outras –, a porcentagem de cada uma dessas se mostram diferentes. De acordo com o LARAMARA – Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual –, na cegueira parcial, por exemplo, os erros refrativos não corrigidos, que são causados por miopia, hipermetropia, astigmatismo e presbiopia, são os grandes vilões com 43% dos casos, enquanto a catarata não operada fica em segundo lugar com 33%. No entanto, quando se refere à cegueira total, essa posição muda.

⁹ Disponível em: <http://www.onu.org.br/oms-afirma-que-existem-39-milhoes-de-cegos-no-mundo/>;
Acesso em Ago 2013

A catarata não operada é a causa de 51% dos casos de cegueira, enquanto os erros refrativos não corrigidos somam apenas 3% dos casos. Isso ocorre porque os erros refrativos são muito comuns e causam uma pequena deficiência visual, mas dificilmente evoluem até a cegueira total. Nesse caso, a cegueira se torna mais comum por uma correção inadequada dos erros refrativos, como pode ser observado no gráfico 1 – Principais causas da Deficiência Visual e da Cegueira.



A cegueira infantil também é uma grave causa da deficiência visual e normalmente acontece por erros refrativos ou por resquício de doenças, como o sarampo. Mesmo assim, os adultos costumam ser os mais afetados, algo evidenciado pelo fato de que 65% da população com deficiência visual e 82% da população cega têm mais de 50 anos de idade.¹⁰ Nosso personagem, Geraldo Magela, se enquadra nessa estatística. Sua cegueira total aconteceu 10 anos atrás e foi causada pelo trauma de um acidente que acentuou sua retinopatia diabética.

Alguns tipos de cegueira, como a catarata, o descolamento de retina e o glaucoma – que também pode ser tratado com medicamentos –, têm como forma de tratamento o procedimento cirúrgico, enquanto algumas podem ser tratadas com procedimento corretivos à laser; é o caso dos erros refrativos e de lesões na retina. Para prevenir, é preciso ficar atento às predisposições de desenvolver a cegueira. Quando causada pela diabetes, catarata ou glaucoma é necessário realizar visitas regulares ao médico e tomar os medicamentos corretamente. Além disso, a higiene pessoal e o cuidado com os olhos, principalmente para quem usa lentes de contato, é importante para se precaver.

¹⁰ Disponível em: <http://laramara.org.br/deficiencia-visual/estatisticas-e-causas>; Acesso em Ago 2013

2.2 Uma breve contextualização: cegueira e acessibilidade no Brasil

De acordo com o censo 2010 realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, no Brasil existem em torno de 5,6 milhões de deficientes visuais, sendo 528.624 desses incapazes de enxergar, ou seja, sofrem da cegueira total. As regiões com maior número de deficientes visuais são o sudeste e o nordeste, com respectivamente 2.508.587 e 2.192.455 de pessoas afetadas. O sul, centro-oeste e norte contam com 866.086, 443.357 e 574.823 de casos.

Esses números somados a outras deficiências têm causado mudanças no pensamento brasileiro em relação à acessibilidade que, de acordo com a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, “é um atributo essencial do ambiente que garante a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Deve estar presente nos espaços, no meio físico, no transporte, na informação e comunicação, inclusive nos sistemas e tecnologias da informação e comunicação”.

Em 2004, o Decreto-lei nº 5.296 foi criado e passou a estipular mudanças e prazos para que projetos de natureza arquitetônica e urbanística, de comunicação e informação, de transporte coletivo e qualquer obra pública ou coletiva atendessem as necessidades específicas de pessoas com deficiência, como instalação de semáforos sonoros para pedestres, trilha de borracha em calçadas e locais públicos, como aeroportos e hospitais. Devido a esse decreto, a acessibilidade está sendo implementada, mas se mostra devagar e às vezes falha, principalmente quando discutimos a locomoção do deficiente visual. Um caso pessoal ressalta isso.

Em 2013, andando de metrô em Madrid, observei um cego entrar sem qualquer dificuldade no vagão em que estava. Ele tinha uma bengala na mão e entrou assim que as portas se abriram e encostou em uma das paredes livres. Alguns minutos depois, o sistema de áudio do metrô informou a próxima parada e, no instante em que as portas se abriram, o cego saiu do metrô sem quaisquer problemas. Recentemente, estive em São Paulo. O metrô de lá, que é um dos maiores do Brasil, não tinha um sistema de áudio informando qual o próximo metrô para quem estava esperando o trem, diferente de Madrid. Fiquei tranquila em saber que o sistema de áudio interno funcionava quando finalmente entrei no metrô. Era minha primeira vez utilizando o transporte em São Paulo e não conhecia muito bem as paradas. Infelizmente, na estação da Luz, percebi que o áudio não estava mais funcionando e quase perdi minha

¹¹ Disponível em: <http://ceurfauevceceque.wordpress.com/tag/cegos/page/2/>; Acesso em ago. 2014

parada. Só não acabei seguindo em frente porque olhei para fora e vi que já estava na estação da Sé, onde deveria descer. Eu só não me perdi porque podia ver, como um cego faria?

Outra forma de acessibilidade que nem sempre se mostra eficaz podem ser as calçadas emborrachadas que vemos em cidades maiores, utilizadas para indicar um caminho seguro e sem obstáculos em que os cegos podem caminhar. Sempre acreditei que aquela fosse a solução para tudo, mas uma conversa com o personagem Geraldo Magela me fez mudar de opinião. “Eu consigo sentir a borracha quando ando por ela? Não, porque estou calçado. A sola do sapato me impede de sentir o caminho traçado.” Porque seria diferente com o deficiente visual?



Figura 6 – Exemplo de calçada com caminho emborrachado

Fonte: O Surf que você não vê¹¹

E quando falamos de informação? O braile – processo de escrita e leitura baseado em 64 caracteres em relevo, resultantes da combinação de seis ou menos pontos em duas colunas – é mesmo a melhor forma de leitura para o cego? Em parte, sim, é uma tentativa de tornar o conhecimento acessível ao deficiente visual. Mas esquecemos que a tradução de algumas linhas escritas para o braile pode ocupar páginas. Como uma criança carregaria livros tão grandes e pesados para a escola? Além disso, muitos professores não estão preparados nem conseguem se adaptar ao ensino em braile, o que pode prejudicar os alunos cegos. Mais ainda, conforme ficamos mais velhos, perdemos parte da sensibilidade na ponta dos dedos. Se 82% dos cegos no mundo tem mais de 50 anos, quantos desses realmente se beneficiam com a escrita em braile?

¹¹Disponível em: <http://osurfquevoceve.wordpress.com/tag/cegos/page/2/>; Acesso em ago. 2014

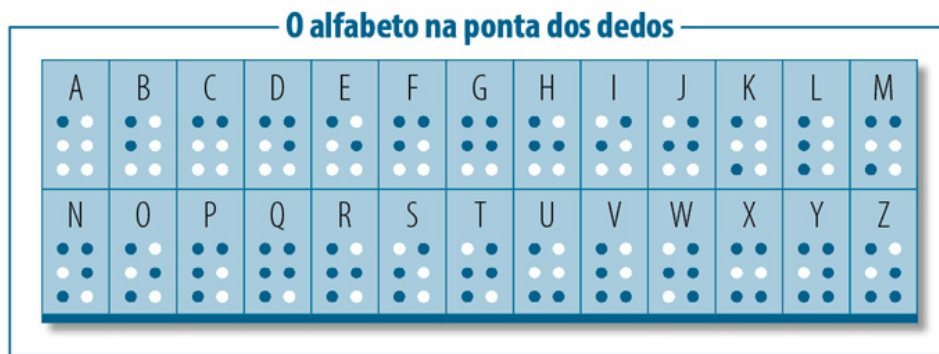


Figura 7- O alfabeto na ponta dos dedos: escrita em braille

Fonte: Site do Senado¹²

Mas se os métodos de acessibilidade mais conhecidos não são perfeitos, como podemos incluir os deficientes visuais? A questão muito esquecida quando se trata da acessibilidade é a inclusão proporcionada pelas próprias pessoas. Informar o ônibus, qual a próxima parada, ajudar a atravessar a rua, informar sobre obstáculos, ditar as tarefas escolares são algumas das coisas que promoveriam mais acessibilidade ao deficiente visual do que apenas mudanças estruturais.

Geraldo Magela, o personagem de nossa reportagem, conta que evita andar de ônibus porque depende muito das pessoas para fazê-lo e, na maioria das vezes, as pessoas não querem ajudar ou se sentem incomodadas com pedidos de hoje. Ele ainda diz que certa vez, quando andava por uma rua em seu bairro, acabou batendo em uma caçamba de lixo. Isso porque uma vizinha, que observava toda a cena, queria saber se ele conseguiria desviar por conta própria. Um simples aviso poderia ter evitado o acidente.

Casos como esse refletem nossa ignorância quando se diz respeito ao cego e sua capacidade, assim como a acessibilidade que necessitam. É comum que tenhamos dificuldade em entender as necessidades dos outros, principalmente quando não convivemos diretamente com estas. A representação midiática do deficiente nos permite, então, uma aproximação dele e de sua deficiência, como acontece no cinema e na literatura.

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Por exemplo, a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a construir certas identidades de gênero. Em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades como, por exemplo, o “novo homem” das décadas de 1980 e de 1990, identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso (WOODWARD, 2013, pp 17-18).

¹² Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2012/12/05/sistema-de-leitura-e-escrita-usadas-por-pessoas-em-alto-relevo/>. Acesso em ago. 2014.

Como afirma Woodward (*op. cit.*), através das representações é que definimos nossas experiências e aquilo que somos, tornando a representação importante para identificação entre os indivíduos. Buscando entender como representar o personagem na reportagem em quadrinhos a ser produzida, passamos para uma rápida análise de como deficientes visuais são transformados em personagens em três filmes.

2.3 O cego e a cegueira na mídia

Katherine Woodward (*op. cit.*) define a representação como um processo cultural que nos leva ao conceito de identificação diante dos significados que nos apresenta. Tal processo nos define e mostra a maneira pela qual nos identificamos com o outro, tanto pelas diferenças, quanto pela ausência destas.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2013, p.18).

A partir dos sistemas de representação, construímos práticas de significação e sistemas classificatórios que nos ajudam a dar sentido ao que somos. Essas mesmas práticas e sistemas são o que dão ordem à vida social, definindo nosso papel e identificação com a sociedade. Também é através desses sistemas classificatórios que podemos dar sentido ao mundo social e construirmos nossos significados. Assim, a representação do cego ajuda-nos a construir um processo de identificação que define o cego na sociedade e nosso papel diante dele. Para entendermos melhor as representações, passaremos para um estudo de alguns casos em que o cego aparece como personagem na mídia.

Talvez a representação do deficiente visual no cinema e literatura mais conhecida seja a de José Saramago em *Ensaio Sobre a Cegueira*. Diferente de como a cegueira normalmente é inserida em roteiros e histórias, através de um único personagem que enfrenta todas as dificuldades possíveis do deficiente visual, *Ensaio Sobre a Cegueira* trata da angústia e do desespero de descobrir-se cego. O mérito de ambos o filme e o livro é fazer o espectador e o leitor sentirem a angústia de descobrir-se cego. Saramago consegue representar o medo e a dor de tal maneira, que o seu leitor entende aquilo que os personagens estão passando, mesmo que nunca tenha vivido uma situação parecida.

Outra boa ideia do autor foi a de fazer que, embora quase todos – com exceção à mulher do oftalmologista – estarem cegos, os personagens não são determinados pelo narrador pela cegueira. Não é essa a característica escolhida para determiná-los. Ao contrário, os personagens são descritos como o médico, a mulher do médico, a rapariga dos óculos escuros, o velho com a venda no olho e o rapazinho estrábico. Saramago apresenta uma belíssima representação do cego e dos que enxergam, e escreve uma história que enfatiza “a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (SARAMAGO, 1995, p 241).

O filme *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, de Daniel Ribeiro é outra história que traz uma representação que não remete à cegueira como uma característica definidora. Com um personagem principal, Leonardo, que carrega dois grandes estereótipos sociais, o de cego e o de gay, espera-se inicialmente que o filme retrate problemas que girem em torno disso. Mas Ribeiro faz algo diferente e ao invés de definir Leonardo, apresenta dificuldades enfrentadas por todos os jovens. A cegueira ou a homossexualidade não são o principal neste filme. Ambas prestam um papel secundário para contar a história de um primeiro amor e as dificuldades ao enfrentar a adolescência. Não existe um momento em que a cegueira seja vista como uma incapacidade ou que atraia olhares para Leonardo. Sua representação é de que é apenas mais uma das características do jovem, como qualquer outra.

Janela da Alma, um documentário de João Jardim e Walter Carvalho é aquele que pra mim, mais se aproxima da representação do cego que será feita na reportagem em quadrinhos. Diferente de *Ensaio Sobre a Cegueira* e *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, o documentário traz histórias de pessoas reais. A estética também tenta aproximar o espectador da história, utilizando imagens borradas e embaçadas para fornecer a ele a capacidade de ver (ou, no caso, não ver) como os personagens. Jardim e Carvalho ainda mostram que a deficiência visual não incapacitou nenhum dos entrevistados. Todos encontraram meios e habilidades para conviver com a deficiência e serem como qualquer pessoa que enxerga bem, incluindo o próprio diretor João Jardim que sofre de miopia grave.

Entender essas representações se torna importante para que se possa construir um personagem que faça jus ao entrevistado e o mostre como mais do que sua deficiência, evidenciado sua capacidade de se cuidar, viver e envelhecer mesmo com as dificuldades impostas pela cegueira. Como o assunto ainda é pouco abordado e ainda há a necessidade de compreensão desse universo, percebe-se como um projeto que apresenta a realidade e o dia a dia de um cego, e que busca conscientizar a população sobre a deficiência visual, é importante e precisa ser trabalhado.

3 RELATÓRIO TÉCNICO

O desenvolvimento desse produto envolveu duas fases distintas, uma que se faz importante para a parte jornalística da reportagem em quadrinhos e outra que está ligada à estética e estrutura dela. Primeiro, como em qualquer mídia jornalística, foi necessária uma apuração profunda para que os dados encontrados fossem transformados em um roteiro e em seguida nos próprios quadrinhos.

3.1 Apuração jornalística

De acordo com Ana Estela de Souza Pinto (2009), existem cinco passos a serem seguidos para uma boa apuração: pesquisa, observação, entrevista, documentação, e checagem e recheagem. Percebeu-se, durante a pesquisa, que era preciso conhecer melhor o tema que tratado, buscando o máximo de informações possíveis para definir quais seriam relevantes ou não para a matéria. Como a reportagem, nesse caso, trata da cegueira, foi realizado o levantamento de dados sobre a situação dos cegos: quantos são, causas, principais problemas de acessibilidade, dados esses que foram apresentados no capítulo 2 deste memorial. Também buscamos fontes que entendam melhor do assunto, como o médico oftalmologista, Euldes Nei Rosado Filho e Geraldo Magela, personagem principal, para nos dizer quais as dificuldades que a deficiência visual acarreta. Esse tipo de pesquisa exige que seja feita em um banco de dados mais recentes, para que a reportagem seja a mais precisa possível, portanto, o ideal é que se busque informações em organizações específicas que tratam sobre a cegueira, como a LARAMARA e a Fundação Dorina Nowill para Cegos.

Depois da pesquisa, que foi realizada durante um ano¹², passamos para a entrevista com as fontes. Geraldo Magela, nosso personagem principal, foi base de toda a reportagem e nos contou detalhes sobre seu dia a dia, amizades, dificuldades que tem por causa da cegueira e como superou a perda da visão. Todas essas informações foram extremamente necessárias para a construção da reportagem que utiliza a vida de Geraldo para montar um retrato da cegueira. Já a entrevista com o Dr. Euldes Rosado nos permitiu sanar dúvidas específicas que surgiram durante as pesquisas e durante a entrevista com Geraldo. Durante o dia que passamos seguindo o personagem principal, realizamos duas etapas da apuração: a entrevista e a observação.

¹²No mesmo período a autora estava realizando intercâmbio e por isso não podia realizar entrevistas ou o desenvolvimento da reportagem.

Durante a entrevistas, não buscamos informações específicas, mas sim visualizar a rotina de um cego e como ela se difere da de alguém que pode ver. Também por isso, não precisamos de um roteiro fixo, utilizamos uma base, mas deixamos que a entrevista fluísse sem prendê-la ou guiá-la o tempo todo.

A observação ocorreu durante todo o tempo que se passar com a fonte. Por ser uma reportagem em quadrinhos, era necessário que até mesmo os detalhes fossem absorvidos pelo jornalista/ilustrador. Para isso, também fotografamos cenas que consideramos muito importantes e que foram utilizadas nos quadros da HQ, como as cenas em que pendura a roupa no varal, lava a louça, mede e aplica a insulina, entre outras. Também foi realizada uma observação profunda sobre as expressões da fonte durante a entrevista e no resto do dia, para que, apesar de não ser um retrato fiel como uma foto ou um vídeo, os quadrinhos conseguissem passar os sentimentos do personagem e permitir ao leitor uma aproximação.

Com tudo feito, foi preciso documentar o que se foi produzido na apuração: fotos, entrevistas gravadas e decupadas, autorização de uso de imagem, dados e estatísticas confiáveis e anotações próprias. Por fim, checamos todo o material acumulado, desde informações encontradas até a grafia do nome dos entrevistados, para que não ocorra nenhum erro após a impressão.

Para Adriana Santana (2009, p. 130), a apuração é muito importante nesse processo porque "a falta de elementos, como dados, depoimentos, documentos, além de dificultar a montagem da reportagem em si, também significa apresentar um produto final 'fofo', sem amarrações e que, ainda por cima, tornará a matéria desinteressante."

3.2 Desenvolvimento dos quadrinhos

Depois da apuração, passamos para a montagem dos quadrinhos. Em uma história em quadrinhos, primeiro precisamos definir as personagens que farão parte da história. Com a apuração feita, nós já temos essa informação, então podemos passar para a segunda etapa. Apesar de o desenho ser a parte principal da estrutura de uma história em quadrinhos, antes de fazê-lo é preciso escrever e colocar no papel o que você pretender contar. Como foi feita uma reportagem em quadrinhos, o ideal é que inicialmente fosse escrito um roteiro, que definia quais os dados e falas foram relevantes para a matéria, nós ajudando a visualizar melhor a construção das cenas.

Com uma estrutura já definida, passamos para um rascunho dos quadrinhos, feito em papel próprio para desenho, com gramatura 180, e lápis 4B, 3B, HB e 5H, que permitiram que

eu fizesse desde linhas mais grossas e pesadas, a pequenos detalhes, como rugas e traços no rosto do personagem. Sem nos preocuparmos muito com detalhes nos traços, definimos os tamanhos dos quadros, o que iríamos retratar neles – se era uma visão mais geral da cena ou se colocaríamos uma “lupa” e mostraríamos um detalhe que seria complementado com texto –, e onde seriam colocados os balões de fala e os quadros descritivos da cena – lembrando de sempre escrever o texto e depois delimitar o tamanho do balão.

Com o rascunho pronto e montado, passamos à montagem da história em quadrinhos, com detalhamento nos traços de desenho e nos próprios traços das personagens. Tentamos retratar o máximo possível das fontes durante o desenho para que as expressões pudessem estar sempre bem evidentes, mas optamos por manter um desenho mais sujo e imperfeito, buscando dar à reportagem um traço mais pesado e dramático.

Para finalizar a reportagem, fizemos a digitalização e vetorização da história feita. Por ser impresso, o desenho à mão não teria uma qualidade tão boa, por isso foi preferido utilizar programas como o *Adobe Illustrator* e *Photoshop* para transformá-lo em um vetor – desenho digital – assim permitindo uma melhor qualidade gráfica à reportagem. Cores em revistas em quadrinhos normalmente chamam muita atenção, mas nem sempre funcionam para todas as histórias exatamente porque tiram um pouco do foco da trama. Achamos que os traços dos desenhos seriam melhores visualizados em escala de cinza, visando também acrescentar ao tom mais dramático e sério que o estilo dos traços proporciona aos quadrinhos.

Diferente do que normalmente é feito com revistas em quadrinhos em que a borda e o espaço entre quadros são brancos, preferimos deixá-los pretos, visando retratar a ideia de que a história se passa sob o olhar do jornalista diante da escuridão que Geraldo vê. É por isso também que, apesar de estarem contidos nos quadros, algum elemento dos desenhos sempre escapa e integra a parte escura da reportagem. Pelo mesmo motivo as falas de Geraldo são colocadas dentro de quadros brancos em espaços negros, com a fonte *Comic Book*, queremos mostrar que sob a perspectiva de Geraldo, a história se passa na escuridão.

Para diferenciarmos as falas de Geraldo do narrador e das falas dentro dos quadros, utilizamos de outras duas fontes. Para o narrador, a fonte *Helvetica* em caixa alta, e para as falas dentro de balões nos quadros, utilizamos a fonte *Chalkboard*. A escolha das fontes *Comic Book* e *Chalkboard* se deu pela análise de outros quadrinhos, em que fontes de forma com aparência de manuscritas são utilizadas. A opção da *Helvetica* ocorreu pela leitura limpa e fácil que a fonte oferece quando em caixa alta, mesmo em tamanhos menores.

Como elemento de impacto, abrimos a história com uma única fala ao pé da primeira página completamente preta. A fala que lê “Às vezes acho que eu vou abrir os olhos e voltar a

ver”, além de oferecer drama à reportagem ainda abre caminho para a página seguinte, que retrata Geraldo acordando e abrindo os olhos. A ausência de um quadro logo após o zoom nos olhos abertos de Geraldo, sendo substituído pelo espaço negro com uma fala tem como objetivo mostrar que quando abre os olhos, Geraldo vê apenas escuridão.

Já o quadro e a fala do médico oftalmologista, localizados na quarta página, é utilizado para explicar melhor os procedimentos realizados em casos de descolamento da retina, como o de Geraldo. Na mesma página, também utilizamos o efeito de *zoom out*, uma técnica que nos permite afastar o olhar da imagem, passando de um quadro com um foco maior em algum detalhe para um quadro com maior visão ambiente. No segundo quadro da página, mostramos Geraldo na janela da qual pensou em se jogar quando recebeu a notícia e no quadro seguinte, utilizamos o efeito de *zoom out* para mostrar Geraldo no último andar do prédio de seu médico.

Sendo uma exceção a fala do médico, todas as outras falas e casos retratados na reportagem foram lembrados e contados por Geraldo durante a entrevista, sendo os locais, pessoas e situações descritos por ele a mim.

Com a reportagem pronta, revisamos os textos e os desenhos, para então levarmos à gráfica e realizar a impressão nos tamanhos A4 e A5. Também buscamos uma maneira de que pessoas com deficiência visual, como o personagem principal, pudessem ter acesso a essa reportagem. Foi optada pela gravação em áudio do roteiro posteriormente para que deficientes visuais possam também conhecer a história de Geraldo.

3.2 Memorial e orientação

Os encontros para orientação acontecerão ao longo dos meses de agosto a novembro, sendo pontuais para a correção do memorial e da reportagem. Por ser realizada em grande parte na cidade de Ipatinga, MG, muitas das conversas ocorreram por e-mail, tendo um contato quase semanal de entrega e correção do trabalho nos meses de outubro a novembro.

A produção do memorial foi realizada de maneira simultânea ao desenvolvimento da reportagem em quadrinhos. Sentimos que os capítulos 1 e 2 deste memorial eram base para que pudéssemos entender como produzir a reportagem, e por isso, enquanto fazíamos as entrevistas e apurações, desenvolvimos o embasamento teórico deste projeto. No primeiro capítulo trabalhamos a problematização do jornalismo em quadrinhos, buscando encontrar a

melhor maneira de se produzir a os quadrinhos, enquanto no segundo capítulo trabalhamos a temática e representação da cegueira.

A parte do relatório técnico, terceiro capítulo deste memorial, foi escrita durante a finalização da reportagem, para termos pleno conhecimento sobre o que foi feito após todas as alterações finais. Nesse capítulo dissertamos sobre a produção da reportagem em quadrinhos, detalhando os materiais e programas usados e justificando nossas escolhas para a produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Janelas Fechadas – Um Retrato da Cegueira no Brasil é uma produção independente, realizada por apenas uma pessoa, responsável pela produção, apuração, ilustração e diagramação da reportagem em quadrinhos. A reportagem tem como objetivo primário contar o dia a dia de um cego, evidenciando as dificuldades que a cegueira traz e respondendo algumas dúvidas que a jornalista tinha sobre a cegueira. As pesquisas, entrevistas e o desenvolvimento de cada quadro, individualmente, foram pensados tentando encontrar a melhor maneira de se contar a história do personagem, utilizando ambos textos e imagens para isso.

O número de páginas da reportagem inicialmente definido havia sido de 10 páginas e conseguimos mantê-lo sem perder nenhum conteúdo considerado importante. A quantidade de páginas foi definida com base em uma conversa com Augusto Paim sobre a produção e temática da HQ. A reportagem demandou tempo especialmente durante a fase de coleta de dados e entrevistas. A marcação destas envolvia a agenda dos próprios entrevistados, o que causou dificuldades. No caso do Dr. Euldes Rosado, por ele ser um médico muito procurado, tive de ir e remarcar diversas vezes a entrevista.

No entanto, a grande dificuldade com a qual esbarramos durante a produção foi entender qual a melhor maneira de se inserir o texto jornalístico nos quadrinhos sem perdermos informações importantes para a reportagem. O texto jornalístico, então, acaba por se aproximar mais de um perfil, muito presente no jornalismo literário, que foi a melhor maneira encontrada de se contar a história. Além disso, definir como os quadros seriam desenhados e como o texto os complementaria, e vice versa, exigiu diversas alterações no roteiro até que alcançássemos um produto final que nos deixasse satisfeitos tanto em conteúdo jornalístico, quanto gráfico.

Apesar das dificuldades, acreditamos que a produção alcançou o que almejava fazer com esse trabalho de conclusão de curso: contar a história de Geraldo e de tantos outros cegos espalhados pelo Brasil e o mundo. Esperamos ter representado bem essa história e que tenhamos enfatizado a importância da acessibilidade e do apoio ao deficiente visual, tornando este produto mais do que apenas uma reportagem em quadrinhos, mas também um produto de conscientização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEJAVITE, Fábila Angélica. **A Notícia light e o jornalismo de infotimento**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2007, Santos. **Anais**. Santos: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Quadrinhos e jornal: uma correspondência biunívoca**. 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Trabalho apresentado. Rio de Janeiro. 2003.

JARDIM, João; CARVALHO, Walter. **Janela da Alma**. [Documentário-vídeo]. Produção de Claudia Braga, Isa Castro e Bia Castro, direção de João Jardim e Walter Carvalho. Brasil, 2001. DVD, 73 minutos. Cor; p&b.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004.

LIMA, Marcelo Oliveira. **O Jornalismo em quadrinhos e os procedimentos jornalísticos em *Uma História de Sarajevo***. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2011, Maceió. **Anais**. Maceió: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011.

LOPONDO, Lilian; SILVA, Angela Ignatti. **Tempo, Espaço E Reconhecimento Em Ensaio Sobre A Cegueira**. São Paulo: USP.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

MEDEIROS, Eduardo Luis Mathias; GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em Quadrinhos como novo gênero jornalístico – um estudo do JHQ na revista Fórum**. Alto Araguaia: Ave Palavra Revista Digital do Curso de Letras, 2012.

NEGRI, Ana Camilla. **Um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva; PASSOS, Mateus Yuri. **Joe Sacco: jornalismo literário em quadrinhos**. *Comunicarte*, Campinas, SP, v. 28, n. 38, p. 7-21, jan./jun. 2009. Campinas: 2009.

PINTO, Ana. E. e S. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.

REZENDE, Manuella de Oliveira. **Persépolis: aproximações com o jornalismo literário nos quadrinhos de Marjane Satrapi**. 2009. 76p. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)-Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009.

RIBEIRO, Daniel. **Hoje Eu Quero Voltar Sozinho**. [Filme-vídeo]. Produção de Diana Ribeiro e Daniel Almeida, direção de Daniel Ribeiro. Brasil, 2013. DVD, 95 minutos. Cor.

ROCHA, Hilton; GONÇALVES, Elisabeto Ribeiro. **Ensaio sobre a problemática da cegueira: prevenção, recuperação, reabilitação**. Belo Horizonte: Fundação Hilton Rocha, 1987.

SANTANA, Adriana. **O repórter e o jornalista cordial**. Sobre posturas e im)posturas no jornalismo. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/9393/5803>>. Consultado em Agosto de 2013.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 (310p)

SILVEIRA, Leandro. **Jornalistas desenvolvem primeira grande reportagem em quadrinhos**. Disponível em:< <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>>. 10/08/2013

SOUZA JÚNIOR, Juscelino Neco. **Imagem Narrativa e Discurso da Reportagem em Quadrinhos de Joe Sacco**. 2011. 159 fls. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SPIEGELMAN, Art. Os quadrinhos depois da bomba. In: NAKAZAWA, Keiji. **Gen – Pés Descalços: O recomeço**. São Paulo: Conrad, 2001. p.VII-X

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectivados estudos culturais**, p. 7-72. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

Sites Consultados

CARTOON MOVEMENT. Disponível em:<<http://www.cartoonmovement.com>>. 09/08/2013

AUGUSTO PAIM. Disponível em:<<http://www.augustopaim.com.br/>> 17/10/2014

WILHEIM RODRIGUES. Disponível em:<<http://wilheimrod.wordpress.com/reportagem/>> 17/10/2014

CATRACA LIVRE. Disponível em:
<<https://catracalivre.com.br/geral/quadrinhos/indicacao/reportagem-em-quadrinhos-centenario-nelson-cavaquinho/>> 17/10/2014

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. Disponível em:<<http://www.fundacaodorina.org.br/>>. 23/09/2013

LARAMARA. Disponível em:< <http://laramara.org.br/>>. 23/09/2013

ONU. Disponível em:< <http://www.onu.org.br/>>. 26/09/2013

ANEXOS

ROTEIRO

JANELAS FECHADAS: UM RETRATO DA CEGUEIRA

Obs: Páginas sempre pretas, com a borda dos quadros brancas.

Obs2: Todas as falas de Geraldo serão em caixa nos quadros negros.

CONTRACAPA

Geraldo fumaça, como é conhecido pelos amigos, tem 64 anos e ficou cego 10 anos atrás. A perda da visão causou em geraldo uma depressão que muitos talvez não superassem, mas ele conseguiu. Seguiu em frente com a vida, com o trabalho missionário que fazia e descobriu novos amigos, na associação dos deficientes visuais, onde chegou a ser presidente.

Todos os casos e personagens dessa reportagem, com exceção ao dr. Euldes rosado, foram descritos e detalhados por geraldo em nossa conversa.

Geraldo, hoje, conta sua história com alegria. E não deveria ser diferente. Geraldo tem a vida de um héroi, que conseguiu vencer seu maior inimigo, a escuridão.

“Os olhos são as janelas da alma”

Autor desconhecido

PÁGINA 1

Página completamente preta.

Caixa: Às vezes acho que eu vou abrir os olhos e voltar a ver.

PÁGINA 2

Quadro 1

Seu Geraldo deitado na cama de olhos fechados.

Quadro 2

Foco nos olhos abertos.

Quadro 3

Sem quadro, espaço negro com um espaço com citação.

Caixa: “Minha vida é assim: acordo, lavo, passo, cozinho, saio, vou no supermercado. É normal.”

PÁGINA 3

Quadro 1

Seu Geraldo varrendo a casa

Quadro 2

Voltando com as compras do supermercado

Quadro 3

Estendendo a roupa no varal

Quadro 4
Seu Geraldo lavando a louça

Quadro 5
Narrador - Caixa: Geraldo Magela ficou cego em junho de 2004, mas começou a lutar contra a cegueira em março do mesmo ano.
Geraldo descendo de bicicleta o morro de sua rua

Quadro 6
Bicicleta batida no portão

Quadro 7
Caixa: “Eu bati no portão de uma casa, estourei o globo ocular e descolou a retina. Eu resolvi subir na bicicleta com um monte de sacola na mão e perdi o freio. Aí não consegui parar.”

PÁGINA 4
Quadro 1
Caixa: “Foram vários processos cirúrgicos, mas não teve jeito. Foi irreversível. Dia 15 de junho recebi meu veredito de que estava cego.”

Quadro 2
Consultório médico – Placa Dr. Eudes Rosado
Balão de fala (“Um dos procedimentos mais frequentes se chama Retinopexia Convencional, quando se empurra a parede do olho em direção a rotura¹, fechando a rotura, e com isso, o líquido que está embaixo do olho é absorvido.”)

Quadro 3
Geraldo de costas olhando da janela fechada do médico

Quadro 4
Zoom out mostrando a altura do prédio

Quadro 5
Caixa: “Eu fiquei transtornado. Se tivesse janela aberta no décimo nono andar, eu teria pulado lá de cima. Mas depois fui percebendo que não podia ficar assim.”

¹ Nota de rodapé: Pequenos rasgos que geralmente ocorrem no fundo do olho.

PÁGINA 5
Quadro 1
Narrador - Caixa: No início, não foi fácil. Mas ir à igreja e conversar com os amigos ajudaram Geraldo a perceber que ele poderia se adaptar a seu novo mundo.

Quadro 2
Imagem de uma igreja

Quadro 3
Geraldo com amigos

Quadro 4

Narrador – Caixa: Hoje, Geraldo lida bem com a cegueira e já aplica sozinho as doses diárias de Insulina que toma devido a sua diabetes.

Geraldo medindo a insulina

Quadro 5

Geraldo aplicando a insulina

PÁGINA 6

Quadro 1

Narrador - Caixa: Um grande problema da cegueira é o desconhecido. Em seu bairro, Geraldo normalmente anda com facilidade, mas ainda existem obstáculos que surgem em questão de minutos. Como carros...

Geraldo andando de bengala pela rua em direção a um carro

Quadro 2

Narrador - Caixa: ... buracos...

Buraco na calçada

Quadro 3

Narrador - Caixa: ... e caçambas.

Geraldo andando em direção a uma caçamba

Quadro 4

Caixa: “Uma vez eu estava voltando para casa do mercado e desviei de um carro, porque estava com a bengala. Continuei andando e um pouco mais para frente acabei batendo em uma caçamba. Ela me atingiu bem na altura do peito. Como a caçamba é chanfrada², quando a bengala esbarra nela, o corpo já bateu.”

²Nota de rodapé: Algo é chanfrado quando é cortado em ângulo.

PÁGINA 7

Quadro 1

Narrador – Caixa: O que muitos não sabem sobre a acessibilidade é que ela não se trata apenas de mudanças na infraestrutura. A ignorância das pessoas, quando se trata da capacidade dos cegos, pode causar tantos acidentes quanto uma calçada com buracos.

Geraldo batendo na caçamba, vizinha na janela ao fundo

Quadro 2

Zoom in na vizinha na janela

Quadro 3

Vizinha correndo ajudando Geraldo

Balão vizinha: Seu Geraldo! Tudo bem? O senhor se machucou?

Quadro 4

Balão Geraldo: A senhora me viu batendo na caçamba?

Balão vizinha: Vi! Tava te observando lá da janela.

Balão Geraldo: E por que não me avisou?

Balão vizinha: Queria ver se o senhor ia conseguir desviar sozinho.

PÁGINA 8

Quadro 1

Caixa: “A acessibilidade é muito fraca. A acessibilidade tem que ser uma calçada boa, semáforo que se você apertar, faz um barulho indicando que o semáforo abriu. Nós tentamos levar para a prefeitura, mas não quiseram.”

Quadro 2

Narrador - Caixa: Enquanto não se resolve o problema estrutural da acessibilidade, existem diversas formas de ajudar os cegos a se adaptarem. Ofereça o braço...

Geraldo andando de braço dado com alguém.

Quadro 3

Narrador – Caixa: ... avise sobre obstáculos...

Pessoa avisando de um buraco

Quadro 4

Narrador – Caixa: ... e descreva as pessoas e situações.

Imagem de uma foto da noiva mais jovem e Imagem da noiva atualmente no quadro negro enquanto um balão de fala a descreve.

Narrador – Caixa: Se vocês não se conheciam antes da cegueira, Geraldo vai te imaginar do zero, construindo sua imagem a cada descrição feita. Porém, quando ele já conhecia a pessoa antes da cegueira, Geraldo faz uma adaptação, uma metamorfose da imagem que ele tinha para a nova descrição.

PÁGINA 9

Narrador – Caixa: Seus sonhos não são muito diferentes. Eles também se baseiam em fatos que Geraldo viveu e pessoas que ele conheceu.

Obs: Todos os quadros dessa página tem a borda do balão de pensamento, para indicar sonho.

Quadro 1

Geraldo dirigindo

Quadro 2

Geraldo conversando com a mãe

Quadro 3

Narrador – Caixa: Os sonhos de Geraldo são lembranças e memórias de quando ainda podia ver.

PÁGINA 10

Quadro página inteira

Narrador – Caixa: Ninguém planeja ficar cego, mas aconteceu com Geraldo e com outros 39 milhões de pessoas no mundo. Suas janelas foram fechadas e não há mais o que se ver. Mas cada um deles vai vivendo e se adaptando, enquanto o mundo não se adapta a eles.

Imagem de Geraldo de olhos fechados.

VERSO

Expediente

Reportagem e ilustrações: Fernanda Borel

Orientação: Mariana Procópio

Trabalho de Conclusão de Curso

Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Departamento de Comunicação Social - DCM Centro de Ciências humanas - CCH

Universidade Federal de Viçosa - UFV

2014